Apontamentos etnográficos da defesa animal e seus ativismos nas relações interespecies

Ethnographic notes of animal defense and its activism in interspecies relations

Mônica Soares Botelho Padilha

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8193>

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Mônica Soares Botelho Padilha, « Apontamentos etnográficos da defesa animal e seus ativismos nas relações interespecies », *Ponto Urbe* [Online], 26 | 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 05 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8193> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.8193>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 agosto 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Apontamentos etnográficos da defesa animal e seus ativismos nas relações interespecies

Ethnographic notes of animal defense and its activism in interspecies relations

Mônica Soares Botelho Padilha

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 30/10/2019

Aceitação / Accepted 28/03/2020

Introdução

- 1 A proteção animal é um movimento social mundial que se opõe às atividades econômicas que exploram animais, sejam silvestres ou domésticos. Suas práticas são muito semelhantes no mundo todo e várias ações são feitas em conjunto entre os ativistas de diversos países¹. É possível conceber algumas generalizações concernentes à uma oposição veemente do movimento ao uso dos animais para qualquer fim e às práticas de resgate e doação de pets (cães e gatos) de forma individualizada, divulgadas nas redes sociais em vários países europeus e americanos, continentes onde o movimento é extremamente forte.
- 2 O capitalismo transnacional replica suas práticas exploratórias nos usos dos animais nos processos produtivos como carne para consumo alimentar, na pecuária que também engloba o uso das vacas leiteiras para os laticínios, e as galinhas para o consumo de ovos e carne de frangos. Os animais são ainda usados como vestimenta pelas indústrias de pele e roupas, como cobaias para fins de testes das indústrias de medicamentos, cosméticos e no aprendizado nas universidades. A indústria de

entretenimento explora os animais em cativeiros, fora de seus habitats, e são usados em circos, zoológicos, aquários, caças e safáris e no esporte em montarias.

- 3 O uso dos animais como tração (cavalos, elefantes e dromedários) ainda persiste em países mais pobres para o transporte da população e no turismo. Sob o argumento da tradição local, vários são os usos dos animais que acabam morrendo nas mãos da população ou sofrendo maus tratos como nos rodeios, vaquejadas, farra do boi, rinhas de galo e cães, pescaria no Brasil e, no exterior, em touradas (Espanha, México, Portugal e França), caça à raposa (Reino Unido), caça de ursos e rodeios (EUA), caça de baleias no Japão, matança de focas (Canadá, Rússia, Noruega e Groenlândia), em sacrifícios religiosos (Brasil e países com comunidades muçulmanas e judaicas). Os animais ainda são utilizados como companhia no ambiente doméstico, como cães e gatos, e aves engaioladas.
- 4 Contra todos esses usos se colocam os ativistas, participando ativamente em manifestações e protestos, em ações virtuais organizadas nas redes sociais, resgatando animais em situação de maus tratos, boicotando uma gama enorme de produtos, tanto de origem animal, quanto de produtos de empresas que testam em animais. As respostas a essas ações vêm sendo obtidas através de leis aprovadas de forma pontual, no recuo de algumas empresas na realização de atividades condenáveis pelo movimento, como o teste de cosméticos e o uso de gaiolas na criação de porcas, e no aumento considerável da oferta de produtos livres de ingredientes animais, e de pontos de comercialização de alimentos veganos (de origem vegetal).
- 5 A defesa animal, sob uma perspectiva sociológica, configura-se como um movimento social na medida em que há uma ação coletiva voltada para os interesses dos animais que entra em choque com os valores e políticas vigentes, além de exigir do Estado mudanças na legislação voltada para os animais não humanos. É importante salientar que ele é entendido como movimento social pelos “outros”, ou seja, por toda a sociedade, que tratam todos os ativistas como um grupo homogêneo, denominados por eles como defensores ou protetores dos animais, mas veremos que internamente ele se manifesta com identidades distintas.
- 6 Segundo Maria da Glória Gohn, os movimentos sociais são “ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas” (Gohn 2002: 36). Segundo a autora, um movimento social se funda numa espécie de comunidade que possui uma meta em comum, e dirige sua ação de forma organizada contra aquele que o grupo define como opositor/opressor.
- 7 O cenário político-econômico dos anos 1990 enfraqueceu politicamente os movimentos sociais, através da adoção de políticas neoliberais que marcaram o período. Ainda de acordo com Gohn, os movimentos sociais que emergem nesse período de globalização econômica e de acentuado individualismo trazem essas características.
- 8 Ilse Scherer (2006) adverte que as antigas reivindicações dos movimentos sociais como as lutas por melhores condições materiais, ainda têm seu lugar na modernidade, como as reivindicações por melhores condições materiais. Mas na virada do milênio, o ativismo passou a ter demandas mais universais como os movimentos ecológicos, direitos humanos e de inclusão, como dos LGBTs, e pela paz.
- 9 Para Santos, este novo contexto social, que, para o autor, se iniciou no final dos anos 60 com a dispersão da classe trabalhadora no modo de produção capitalista, “contribui

para desocultar novas formas de opressão, e o isolamento político do movimento operário facilitou a emergência de novos sujeitos sociais e de novas práticas de mobilização social.” (Santos 1999: 256).

- 10 Os movimentos sociais que emergem no período de globalização econômica se inserem como novos sujeitos sociais menos comprometidos uns com os outros, gerando um acentuado individualismo. Emergem com eles novas subjetividades sufocadas nas lutas anteriores pautadas apenas pelas desigualdades de classes (Hall 2011).
- 11 As identidades numa metrópole surgem como resposta a sua vasta diversidade. Os indivíduos buscam espaços identitários porque neles sentem-se seguros e diferem do espaço da família, porque a identidade que se busca é outra, que vai além dos laços de sangue. São identidades que reforçam a ideologia de um indivíduo, gostos e interesses no âmbito do imaginário.
- 12 Assim, a partir das referidas teorias, as ações dos grupos de proteção animal devem ser enquadradas como parte dos movimentos sociais de “novo tipo”, que emergiram a partir dos anos 90. Esse enquadramento deve-se, primeiro, porque o movimento animal, como os movimentos acima, não tem seus interesses pautados por questões econômicas, mas na conquista de direitos universais. Segundo, porque seu fortalecimento vem sendo incentivado pelas redes sociais. Os integrantes do movimento muitas vezes não se conhecem, mas agem em conjunto pela internet. Nem sempre todos estão presentes numa ação organizada por algumas lideranças do movimento animal, porque o grau de comprometimento é variado e não há cobrança onde há o anonimato.
- 13 Essa nova configuração dos movimentos sociais não significa que as lutas esmoreceram, mas que apenas se criaram novas formas de mobilização. Ocorre que muitas das práticas cotidianas dos ativistas se fecham dentro do grupo. Esses códigos comuns ao grupo escapam às teorias sociológicas. Um olhar interdisciplinar consegue dar conta dessas novas configurações sociais que se revelaram ao longo da pesquisa e nas entrevistas. Para atender essas identidades menores fez-se necessária uma incursão nas estratégias metodológicas da Antropologia, que abriu caminhos para penetrar nessas interações subjetivadas, carregadas de detalhes identitários, mas complexos e tênues.
- 14 Ademais, as críticas aos usos dos animais como objetos de lucro ainda se pautam numa perspectiva de oposição irredutível entre Sociedade e Natureza. Uma revisão desses reducionismos traz um alento às teorias sociais, que requerem ainda uma indispensável interdisciplinaridade, dado a complexidade dos fenômenos contemporâneos.

Revendo o antropocentrismo

- 15 A abordagem antropocêntrica da sociedade moderna, que coloca os seres humanos como centrais no Universo, vem sendo revista por pensadores de todas as áreas do conhecimento porque ela não cumpriu suas promessas de, a partir da razão humana, do conhecimento científico e das tecnologias, estender direitos, dar melhores condições de vida à humanidade, sanar doenças e banir toda sorte de sofrimento humano.
- 16 A Renascença eleva o homem à categoria mais importante dentre todos os elementos existentes e que tudo existe para servi-lo, desvinculando-se da primazia divina.
- 17 O surgimento dessa ideologia cria simultaneamente uma relação de separação dos Homens com a Natureza porque tudo que a ela pertence deve ser utilizado ao bel-

prazer dos humanos. Deste modo, os animais passam também a ser corpos utilizáveis a serviço dos humanos.

- 18 Contudo, essa perspectiva tem sido revista não só pelo pensamento animalista como pela Antropologia. A grande tendência dos teóricos caminha no sentido de se derrubar esse dualismo que coloca homem e animal em oposição, ou entre cultura e natureza. As relações animais-humanos vêm sendo cada vez mais repensadas teoricamente, ganhando destaque nas pesquisas acadêmicas de toda ordem. Essas novas concepções que abordam a intersubjetividade entre as espécies incorporam a noção de “senciência”, que iguala animais aos humanos. Dos mamíferos aos insetos, todos sentem dor, fome, frio e medo.
- 19 Donna Haraway (2010) defende que essa relação entre humano e não humano foi construída culturalmente e derrubada com a descoberta científica de que os animais são racionais também, ainda que em escala menor que os humanos. Portanto, não é privilégio dos humanos pensar, amar, se comunicar. Diante dessa relativização das relações, imersas em culturas distintas, Haraway afirma que essa nova intersubjetividade entre humanos e não humanos é o momento em que ambos se definem enquanto tal. Os humanos se fazem a partir da relação com os animais e vice-versa. Eles têm um histórico construído nas relações que se estabeleceram ao longo dos tempos. Uma relação de construção conjunta e não de oposição, separados, com dinâmicas próprias. O processo de humanização por que passam animais domésticos são para Haraway uma forma de relação que traz mudanças culturais tanto para os humanos quanto para os não humanos, eles teriam uma evolução conjunta, que não se restringe ao plano biológico.ⁱⁱ
- 20 Ingold (1995) adverte que os animais são definidos pelos humanos a partir de suas visões de mundo e de suas relações com os primeiros, ainda que resida a dualidade de ora pertencerem à Natureza e ora ao Social. A seu ver, os antropólogos devem transcender essa dualidade antropocêntrica, que entende Natureza e Cultura como elementos opostos. Ingold destaca que ser pessoa não é algo restrito ao humano, nada impede que os animais não humanos venham a ser pelo fato de se comunicarem e suas ações terem um objetivo.
- 21 Para Silveira (2015), o coabitar interespecies nas moradias do meio urbano promove mudanças intersubjetivas dos dois lados para que seja possível esse convívio. Quando tutores trazem para seus lares animais pets, como cães e gatos, ocorre inevitavelmente uma adaptação tanto do ser humano quanto do não humano. É como se os animais moldassem os humanos às suas necessidades e os últimos se voltassem para ensinar os animais a terem atitudes minimamente próximas aos humanos, de modo que ambos possam viver em harmonia dentro do mesmo lar.
- 22 Natureza e Sociedade não devem ser tratadas como categorias distantes e em oposição, diz Marras (2014). A seu ver, o grande desafio hoje é superar esse dualismo e qualquer investigação nesse sentido deve levar em conta que não há um “abismo intransponível” entre humanos e animais. Desta forma, humano e não humano, assim como Cultura e Natureza não são categorias universais, mas entidades que se definem em constante relacionamento, mesclam-se e interferem uma na outra em suas essências.

Os ativismos nos espaços urbanos

- 23 A relação entre humanos e não humanos permeia a ação dos ativistas pela empatia que cada um estabelece com os animais. Ao estabelecerem essa relação de companheirismo ou de empatia, os defensores dos animais criam formas de agir diferenciadas a partir de suas experiências únicas com eles. Dessa relação emerge a prática de cada ativista, cada qual questionando e atuando em uma determinada frente de luta. Esses múltiplos ativismos vão estabelecer uma relação de enfrentamento ideológico com aqueles que se relacionam com os animais numa perspectiva antropocêntrica, de exploração e violência, com interesses puramente econômicos, ou como objetos de entretenimento. Consequentemente, os ativismos pelos animais vão engrossar as fileiras daqueles que se opõem ao modelo capitalista neoliberal que prevalece na maioria dos países atualmenteⁱⁱⁱ.
- 24 Nos vários espaços urbanos, os ativistas vão travando suas lutas diárias nas distintas formas de exploração animal. Cada espaço é composto por um grupo, por um ativismo em particular, seja contra o uso de peles pela moda, seja contra a caça das baleias praticada no Japão. Os grupos vão tornando o movimento heterogêneo. Essa heterogeneidade é responsável pela multiplicação de conflitos existentes na militância, que têm opiniões distintas, sobretudo em relação às estratégias de luta. A defesa animal nem sempre atua de forma unificada, como um movimento homogêneo numa mesma frente, ele se subdivide em pequenos grupos com identidades diversas. Por isso, o movimento social de defesa animal pode ser mais bem apreendido a partir de uma etnografia de seus vários ativismos.
- 25 A teoria antropológica de Magnani (2002), centrada numa etnografia urbana, atendeu demandas teóricas da pesquisa que embasa este artigo, abrindo a possibilidade de uma análise “de perto e de dentro”, que é ter um olhar diferenciado sobre os indivíduos como atores sociais agindo nas cidades. Esta estratégia metodológica sugere que os seus interlocutores sejam analisados em suas ações cotidianas mergulhados no espaço urbano, onde criam novas formas de identidade e realizam trocas simbólicas e valores comuns negados pela massificação global. De perto e de dentro, esses atores são resgatados como “sujeitos de estratégias políticas”, que se organizam para exigir a cidadania sua ou de outrem.
- 26 De acordo com Magnani, é preciso verificar uma regularidade a partir desses novos arranjos dos atores sociais, no caso, dos espaços públicos. Os agentes urbanos se apropriam dos espaços sociais da cidade para realizarem novas práticas urbanas. As ações contestatórias podem estar inseridas nesses novos arranjos sociais. A investigação deve partir de ordenamentos e regularidades e não dos desencontros.
- 27 Essa totalidade pode ser apreendida a partir de categorias conceituais assim descritas por Magnani: o “pedaço”, a “mancha”, o “trajeto” e o “circuito”. Todos os conceitos são ligados a categorias espaciais, porque deve-se conceber as novas relações sociais com o espaço urbano e sua utilização nas práticas cotidianas. Essas categorias são importantes porque cada grupo dentro do movimento ativista tem seu “pedaço”, seu “trajeto”.
- 28 A categoria “pedaço” pressupõe a presença regular de membros de um grupo, reconhecimento mútuo e lealdade entre si. É um espaço onde os integrantes partilham códigos comuns, exercitam uma “rede de sociabilidade básica”. É o primeiro espaço que se coloca em oposição ao espaço do lar, ou “em casa”. A identidade no pedaço não se

cria a partir de uma rede familiar ou de vizinhança, mas em oposição a ela. A identidade emerge no compartilhamento de códigos e valores e, frequentemente, seus membros se conhecem pelo nome. Já a categoria “mancha” são áreas contíguas do espaço urbano “dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominantes” (Magnani 2002: 21).

- 29 Os caminhos traçados no interior das manchas são os trajetos, que ligam pontos no espaço urbano. O conceito de “circuito” se insere na oferta de determinado produto ou serviço por estabelecimentos sem contiguidade espacial, mas reconhecidos pelos integrantes de grupos e por eles frequentados e por outras pessoas não membros. Nos circuitos, há socialização, compartilhamento de códigos, embora pessoas de fora frequentem o circuito.
- 30 No movimento animal, esses conceitos de espaço estão presentes nas suas subdivisões. Cada grupo cria uma identidade, seu pedaço e seu circuito.
- 31 Os principais ativismos do movimento animal são:
- 32 - Teóricos, intelectuais que refletem sobre os direitos animais, sobretudo da Filosofia e do Direito;
- 33 - Veganos abolicionistas (atuam nos protestos de rua, na internet e redes sociais, no boicote ao consumo de produtos de origem animal ou testado em animais),
- 34 - Bem-estaristas (que lutam por medidas que não causem sofrimento animal sem defender o fim de sua exploração) e
- 35 - Socorristas de animais domésticos abandonados (cachorreiras e gateiras)^{iv}.
- 36 As subdivisões acima devem ser entendidas sempre sob o ponto de vista da relação que indivíduos estabeleceram com os animais, construindo-se e alterando-se mutuamente, surgindo daí ativistas bem-estaristas, abolicionistas, socorristas ou ainda uma mistura de um com outro.
- 37 Há divergências entre os grupos, que são as que recebem mais destaques por todos, e no interior de cada grupo, que são mais visíveis nas postagens nas redes em locais específicos de cada um.
- 38 As principais polêmicas são dos abolicionistas contra os bem-estaristas, não enquadrados pelos primeiros como pertencentes à proteção animal. Estendem a crítica aos ovo-lacto-vegetarianos, por não serem veganos, o que, consequentemente, atinge a maioria das socorristas. Muitas vezes os carnistas são poupados porque não participam das discussões do grupo, e os ovo-lacto se sentem patrulhados. Há muitos abolicionistas que não abraçam essa cobrança com os demais, por isso debatem entre si ao acusarem os mais radicais de afastarem os simpatizantes da causa.
- 39 Os mesmos abolicionistas mais radicais classificam as socorristas como especistas, porque socorrem duas espécies e não entram nas causas das demais. Por outro lado, elas têm uma relação direta com os animais, diferentemente da maioria dos abolicionistas, que apenas participam de ações e protestos, mas nem sempre fazem resgates. A relação destes com os animais é mais filosófica do que pessoal, e o oposto se dá com as socorristas.
- 40 É preciso atentar que alguns ativistas transitam entre os espaços delimitados de veganos e socorristas. Não são espaços totalmente estanques, mas que permitem algumas trocas e compartilhamentos. Analisemos cada um deles:

Teóricos

- 41 Os teóricos ou intelectuais do movimento também são ativistas, porque, ainda que com algumas divergências em relação ao melhor caminho a se seguir em prol dos animais, suas teorias servem de referências para os demais ativistas. Eles trazem a questão animal para um debate filosófico com a sociedade conferindo um maior valor a esses entes. A conceitualização dos animais, tendo em vista seus interesses, retira a defesa animal das esteiras do amadorismo.
- 42 Os teóricos nem sempre compartilham espaços comuns, nem têm seu “pedaço”, como acontece com os ativistas veganos e as socorristas. Ainda assim são de extrema relevância dentro do movimento animal, refletindo sobre as questões transdisciplinares éticas, jurídicas, políticas, biológicas e ecológicas dentro da causa animal e apontando caminhos possíveis para a militância. As divisões teóricas se refletem nas bases ativistas e os subdividem em “abolicionistas”, de um lado, e “bem-estaristas”, de outro.
- 43 A perspectiva da corrente abolicionista, liderada pelos filósofos norte-americanos Tom Regan e Gary Francione, condena todo e qualquer sistema de exploração animal voltado para os interesses humanos. Mas cada autor dá ênfase a um aspecto em suas propostas abolicionistas.
- 44 Para Regan (2004), os animais não têm a capacidade de entender a moralidade de seus atos; o mesmo ocorre com as crianças, mas nem por isso eles têm seus direitos diminuídos, dada essa condição supostamente inferior. O que garante direitos morais aos indivíduos, humanos ou não, é sua condição de “sujeitos-de-uma-vida”.
- 45 Já para Gary Francione (2013) a única forma de acabar com a exploração animal é abolir sua situação de propriedade. A seu ver, há um consenso internacional acerca da proibição da escravidão humana e o mesmo direito deve ser estendido aos animais. O autor não abraça a causa bem-estarista que, a seu ver, resulta na regulação da exploração animal ao reivindicar medidas que amenizem o sofrimento dos animais, mas os mantêm sob condição de exploração.
- 46 O filósofo Carlos Naconecy (2009) discorda de Francione porque entende que muitos abolicionistas aceitam o bem-estarismo sem se definirem enquanto tal. Esses abolicionistas levam em consideração o aqui e agora dos animais sem perder de vista a defesa pela libertação animal.
- 47 Perguntada sobre a distinção entre abolicionistas e bem-estaristas, a ativista Dina respondeu:
- Sei a distinção e não sou a favor do termo “bem-estaristas”, prefiro usar o termo redução de danos, pois, não pode haver bem-estar para um animal cujo futuro é a morte. Sou a favor de ambas as correntes, desde que se empregue o termo redução de danos, ao invés de bem-estarismo (Padilha 2018:267).
- 48 A ativista Leda é mais incisiva ainda:
- 49
- Sei. Eu sou abolicionista, mas vejo o bem-estarismo como um passo necessário para a libertação animal. Eu quero os animais livres, mas se hoje não é possível, que tenham uma vida mais digna. Se conseguirmos jaulas maiores hoje, a luta continua amanhã, para que não haja jaulas e para que não haja exploração e morte, no final (Idem: 273).

- 50 Pedro também não condena abolicionistas que defendem o bem-estarismo como estratégia de ação:

Acredito que não dá para dizermos que um(a) vegano(a) não possa defender uma ação bem-estarista. A nossa sociedade não é vegana e é massivamente não vegana e não abolicionista. Eu quero que seja cada vez mais dificultada a produção da indústria animal, que o aumento na qualidade de seu produto animal faça com que eles produzam menos com os mesmos recursos e que haja consequente aumento de preço (Idem:272)

- 51 Para Souza, quem não é vegetariano/vegano, mas resgata animais, faz parte da proteção animal:

Sim, por exemplo, fui numa (sic) audiência do direito dos animais e poder judiciário e a maioria das pessoas que estavam ali como deputados, veterinários, promotores, juízes, policiais comem carne, mas salvam e lutam por todos os animais (Padilha 2018: 269).

Bem-estaristas

- 52 Os ativistas bem-estaristas atuam na minimização do sofrimento animal nos espaços de exploração sem postular o fim da sua utilização para vários fins. As primeiras ONGs de defesa animal que surgiram no Brasil foram de cunho bem-estarista. É possível que as ONGs em que atuam sejam o “pedaço” de identidade, uma vez que as práticas parecem ser semelhantes, ainda que com conteúdos distintos. Nenhuma das contatadas quis participar das entrevistas.
- 53 Algumas ONGs bem-estaristas não divulgam o veganismo nem a alimentação carnista, como a ARCA-Proteção e Bem-Estar Animal do Animal. A ONG atua na redução do sofrimento dos animais na pecuária, contra o confinamento, defende o acesso à água e comida, poder amamentar seus filhotes, pastar, serem atendidos por veterinários. Mas não a abolição de seus usos. Também se opõem às práticas científicas que colocam os animais sob estresse e medo, sem mencionar a necessidade de se abolir tais experimentos.
- 54 A ONG internacional World Animal Protection também procura omitir a questão do uso dos animais, somente faz referência às suas atividades:
- Erradicamos o sofrimento desnecessário dos animais.
Influenciamos autoridades para que coloquem os animais na agenda global.
Ajudamos as pessoas a melhorar a vida dos animais.
Movemos o mundo para proteger os animais. (site WAP)

Veganos abolicionistas

- 55 As regularidades presentes nessa categoria de ativistas incluem a adesão ao abolicionismo, ao consumo politizado de boicote a produtos de origem animal, práticas delimitadas e dirigidas pelas ONGs (campanhas, resgates, protestos de rua e via internet), encontros nos espaços das ONGs ou com os membros das ONGs e os debates intensos nas redes sociais. Os abolicionistas são uma espécie de “tipo ideal” de ativista, porque são conscientes das divisões entre bem-estaristas e abolicionistas e porque, a princípio, colaboram com a questão animal em sua plenitude, isto é, entendem a necessidade de proteção a todas as espécies animais.

- 56 Os abolicionistas são, em sua maioria, praticantes do veganismo (opção por não consumir nenhum produto de origem animal), têm presença constante nas manifestações e redes sociais, e participam de alguma ONG com atividades mais amplas se comparados com as socorristas. Atuam na causa com atividades mais conscientizadoras e são os que mais defendem os direitos humanos.
- 57 Muitos abolicionistas acusam as ativistas “socorristas” de serem especistas por focarem suas ações na defesa de cães e gatos apenas. Porém, inversamente ao que ocorre com as socorristas, os ativistas veganos, raramente resgatam animais, isto é, não lidam diretamente com o sofrimento animal^v.
- 58 A partir da premissa de que os animais não são objetos de consumo, os veganos não consomem nenhum produto que contenha substância oriunda de animais, nem que tenham sido resultado de sua exploração. O veganismo não se resume à restrição a produtos alimentares, mas qualquer produto de origem animal, como roupas, calçados, móveis, adornos, cosméticos, bebidas alcoólicas ou qualquer outro produto de maior consumo. Muitos produtos são boicotados por muitos veganos por patrocinarem eventos que exploram os animais.
- 59 O boicote a remédios é um caso à parte, dado que praticamente todos são resultado de pesquisas em animais. As entrevistas realizadas junto aos ativistas mostraram que é um tema polêmico e difícil, porque não se oferece alternativa de medicações criadas sem testes em animais, embora eles tentem evitar ao máximo o seu consumo. As falas revelam que é ao pensar a prática que as teorias e ideologias veganas vão se firmando e sendo definidas. Além disso, uns consideram contraditório, outros não, mas a maioria enfatizando a falta de alternativas oferecidas pela Medicina. O ativista Pedro não acha contraditório:
- Em uma sociedade não vegana, em hospitais não veganos, em laboratórios não veganos. Quando e onde não se tem alternativa (Padilha 2018: 273).
- 60 Marcos vai na mesma linha:
- Esse é o caminho inevitável. Toda droga aqui que foi testada em animais será testada no ser humano e quando eu digo o ser humano eu digo o animal humano e animais não humanos. Então, as drogas são testadas para se avaliar o efeito, mas, por exemplo, um vegano que toma o medicamento ele não está sendo menos vegano por isso. (Idem: 262)
- 61 Os que concebem como contraditório têm em mente os maus tratos. Diz Souza:
- Sim, pois esses remédios ou qualquer coisa que foi testado num animal faz esse animal sofrer bastante e depois a morte dele (Idem: 270).
- 62 Ou apontam ainda a ineficácia dos testes, como Maurício:
- Há diversos exemplos documentados de substâncias que se mostraram seguras em animais, mas foram catastróficas quando aplicadas em humanos (Idem:269).
- 63 Por outro lado, o sofrimento dos animais na natureza não faz parte da preocupação dos ativistas. Vê-se que a maioria concentra sua atenção para os sofrimentos decorrentes da ação humana, que estariam além do que um animal pode suportar. Além disso, percebe-se que são maus tratos passíveis de intervenção, o que não é possível fazer quando o sofrimento é decorrente das relações do animal no seu habitat, ainda que os sofrimentos também sejam terríveis, como quando são feridos e ficam agonizando até a morte. Comentam os ativistas sobre isso:
- Dina: Se este sofrimento for causado pelo homem, acho que é uma amostra da ignorância humana. Se for o sofrimento natural que ocorre entre os animais, ou

seja, que não é causado pelo homem, então, creio que faça parte do processo de evolução deles, uma vez que tudo está em permanente progresso (Idem: 267).

Maurício: É inevitável e natural, assim como o sofrimento humano também o é, mesmo no mundo moderno (pessoas sofrem por dor ao se ferirem, sofrem emocionalmente ao terem suas necessidades não atendidas, sofrem por amor etc). Isso, obviamente, é diferente do sofrimento imposto aos animais pelos seres humanos (Idem: 269).

Linea: Na natureza? Sem intervenção humana? Não vejo problemas, acredito (Idem: 271).

- 64 Tais ativistas desconhecem ou desconsideram uma nova corrente no abolicionismo animal, liderada pela ONG Animal Ethics, que centra suas ações para minimizar esse sofrimento. A entidade lidera estudos voltados para se evitar o sofrimento dos animais na natureza, decorrentes de acidentes, doenças contraídas, ferimentos oriundos de lutas ou que ainda permanecem vivos após um ataque como presa.
- 65 Embora os insetos sejam sencientes, alguns abolicionistas admitem eliminá-los do seu meio doméstico. Os próprios teóricos do movimento não têm uma definição consensual a respeito; portanto, fica a critério de cada integrante decidir em situações ambíguas.
- 66 A prática mais destacada dos ativistas veganos é o boicote a produtos de origem animal ou testados em animais. Alguns autores vêm se dedicando a esse processo de politização do consumo, que tem crescido desde os anos de 1990. Segundo Fátima Portilho (2011), o consumo politizado passa por duas esferas, a privada, que tem a ver com o consumo individual e familiar, ampliando o conceito de cidadania, e a esfera pública, porque as novas exigências e boicotes tornam-se estratégias políticas de ação.
- 67 A prática do boicote amplamente realizada pelos defensores dos animais não se restringe ao item alimentação de que está centrada a pesquisa de Portilho, mas a produtos de qualquer natureza, trazendo o debate do consumo às empresas de setores variados dentro do mercado. Os boicotes tornam-se públicos, sobretudo, nas redes sociais, nos debates sobre quais produtos são mais indicados como confiáveis ou onde encontrá-los. As práticas individuais têm um caráter coletivo quando os membros de uma comunidade virtual, dentro do Facebook ou não, combinam boicotes em conjunto no mesmo dia e horário e avisam o fato via e-mail para as empresas. Esta prática obteve alguns resultados, porque várias empresas entraram em contato com os ativistas se explicando a respeito da realização de testes em animais ou pedindo para que os manifestantes telefonassem diretamente.
- 68 As redes sociais são os espaços de maior diálogo e conflitos dos ativistas, onde expõem suas ideias e as críticas emergem nessas postagens. Nas redes, os ativistas vão delineando o que é veganismo, abolicionismo, seguindo este ou outro autor, e nem sempre há consenso nos detalhes expostos. Há até um patrulhamento em relação àqueles que comem fast food vegano, como se não fossem tão veganos quanto os que comem alimentação mais saudável.
- 69 As divergências entre os próprios veganos esbarram na necessidade em se estender o veganismo aos próprios animais de estimação. Inúmeras discussões trazem veganos condenando a oferta de carne e derivados para os pets, a partir da alegação de que cães são onívoros, além de haver ofertas de ração veganas para cães e gatos no mercado. Por outro lado, há veganos que rechaçam tal investida, por serem contra a alimentação vegana para animais por não seguir sua natureza carnívora. Sites de alimentação para animais também registram os conflitos dos veganos acerca da comida correta a se

oferecer. Há ainda os que rejeitam a ração, por ser produto industrializado, causador de doenças aos animais, e receitam uma alimentação natural, feita em casa (Lewgoy 2016).

- 70 Sobre a campanha da SVB Segunda sem carne, há abolicionistas favoráveis e contrários. Ou seja, a cisão não se dá apenas entre bem-estaristas, cachorreiras e abolicionistas, mas entre estes últimos. Pela pesquisa, percebe-se que uma parcela pequena é contra a campanha, por ser considerada, nos moldes de Francione, bem-estarista. Um grupo de ativistas criou um blog intitulado: “A SVB não me representa”, focado principalmente na crítica à campanha da ONG. Eles influenciaram vários ativistas, que fundamentaram as teses do blog.
- 71 Não obstante, os abolicionistas entrevistados rejeitaram o estigma de bem-estaristas aos que admitem minimizar o sofrimento dos animais, porque mantêm sua defesa pela libertação total dos animais. Estes veem como avanço essas pequenas medidas diante das possibilidades atuais da luta, onde têm que descer de suas postulações revolucionárias, sem abandoná-las, para negociar um mínimo possível para os animais que estão em situação gravíssima de maus tratos, quando cada segundo menos de dor lhes é relevante.
- 72 A abolicionista Bibi diz sobre a campanha da SVB:
- Acho que é uma forma de divulgar e estimular o conhecimento do vegetarianismo e veganismo. Procuro manter uma visão positiva sobre as iniciativas de proteção animal, mesmo que não incluam todos os animais ou toda a semana sem carne por exemplo. Acredito que toda ajuda é necessária mesmo que parcial e que é importante abrir os olhos de quem não enxergou ainda as contradições de defender parcialmente os animais porque já pertenci ao grupo “cego” (Padilha 2018: 250).
- 73 Dori, abolicionista também, considera positiva a campanha:
- Positiva por já ouvir de algumas pessoas que despertaram interesse e até se tornaram definitivamente vegetarianas a partir da campanha (Idem: 252).
- 74 Angélica, que se identifica como abolicionista, reviu sua posição:
- A princípio achava muitíssimo negativa, por entender que as pessoas relaxavam nos outros dias, e que já se sentiam satisfeitas achando que estariam fazendo o suficiente para melhorar as condições dos animais. Porém, percebi que algumas pessoas (não saberia quantificar) por experimentarem esses dias sem carne, passaram a ser vegetarianas. Não acho uma campanha inútil, mas não a divulgo (Idem: 254).
- 75 O ativista vegano Enrico questiona a campanha:
- Relativamente positiva, o que adianta você poupar os animais da tortura e do assassinato um dia, e os outros seis dias? (Idem 248)
- 76 Portanto, as maiores divergências entre os abolicionistas se resumem na estratégia para se chegar ao abolicionismo, se de maneira reformista (quando são acusados de bem-estaristas sem serem) ou lutarem apenas pela libertação total de todos os animais.

Os espaços dos veganos

- 77 Os ativistas animalistas veganos comparecem maciçamente aos eventos de doação de animais e aos eventos veganos na cidade de São Paulo, que têm sido bastante frequentes. Neles, podem consumir produtos de diversas categorias, dada a dificuldade em encontrá-los no comércio tradicional - apesar de os estabelecimentos comerciais veganos estarem crescendo na capital.

- 78 Os eventos veganos trazem produtos sem origem animal: roupas, sapatos, comidas típicas na versão vegana, doces, bebidas, cosméticos, livros sobre a defesa animal, palestras e divulgação de eventos de ONGs. O público, em sua maioria é jovem, com visual despojado, estilo quase “hippie-pós-moderno”, cabelos coloridos, tatuagens, brincos exóticos, piercings. Há também os mais velhos, em menor quantidade, vestidos de forma tradicional, crianças, casais com seus pets. Esse público é muito semelhante ao que comparece às manifestações pró-animais, quando o tema é mais genérico.
- 79 As zonas sul e oeste da cidade de São Paulo concentram o comércio alimentar dos veganos. A rua Augusta é a rua mais vegana da cidade, com mais de uma dúzia de estabelecimentos comerciais veganos ou tradicionais. As ruas próximas também seguem a linha. O estilo vegano também é forte na Vila Mariana, Vila Madalena e Higienópolis. Há os mais populares e os mais sofisticados. As zonas Leste e Norte também já têm seu comércio voltado para a área, principalmente na região do Tatuapé e Moóca. A região central da cidade, na Avenida Mercúrio, próxima ao Mercado Municipal, é o local com maior oferta de produtos veganos em São Paulo.
- 80 Esses espaços de consumo em comum podem ser considerados como os “circuitos” dos ativistas veganos. As manifestações que aglutinam vários ativistas de ONGs variadas também têm essa característica.
- 81 O “pedaço”, em grande medida, são as ONGs onde cada ativista encontra seu grupo específico. Portanto, os ativistas possuem ainda uma segunda subdivisão, por conta de sua prática identitária dentro da ONG que dirige sua ação em um recorte na totalidade da luta da causa animal. Essa identidade se dá na rua, porque em casa os laços são de sangue e não de compartilhamento de outros valores. Em casa, o vegano, em sua maioria, sofre com a perseguição dos familiares que não aceitam a mudança de hábito alimentar.
- 82 Segundo Karina Somaggio, da ONG Santuário dos Bichos, os ativistas criam um laço forte na organização:
- A ONG nos faz amigos e companheiros de luta para a causa. Mas lutamos pelos animais da ONG e não pela instituição. Porque se a instituição deixar de existir e tiver somente os animais, continuaremos a lutar. A amizade vai se fortificando em ações voltadas para a causa (Padilha 2018: 275).
- 83 Pensemos essa identidade como algo que transcende o vínculo familiar. É a opção a um estilo de vida individual seguido por outros e concebe mais segurança àqueles que partilham dessas ideias comuns. Assim, não devemos conceber a identidade como uma camisa de força em que haja uma identidade plena. Há interesses outros como música, esporte, moda, religião que podem não ser comuns. É uma identidade que se traduz em afinidades em comum, nas palavras de Haraway (2000).
- 84 Nas ONGs, o pedaço é recuperado porque símbolos, valores, hábitos de consumo e de ação se juntam. Os objetivos são os mesmos. Se em casa são os “patinhos feios”, ocorrendo o mesmo na escola, faculdade, trabalho, na ONG são todos patinhos feios juntos agindo e pensando igual. O líder da ONG tem a capacidade de aglutinar emoções e objetivos e animar os ativistas para as causas e práticas em comum. Mesmo que o pedaço não seja um espaço da ONG, ela proporcionou um grupo identitário que partilha outras subjetividades que não somente as atividades da ONG:

Socorristas

- 85 As socorristas integram o movimento de defesa animal ao resgatarem cães e gatos de maus tratos praticados por tutores, ou abandonados por estes nas ruas. Elas praticam a libertação de animais com o resgate dos abandonados, como os que estão em situação de exploração, por exemplo, os cães de guarda e os animais de criadores em situações de maus tratos. Além disso, se opõem publicamente contra as duas atividades, principalmente a venda de cães e gatos.
- 86 A maioria é composta por mulheres, donas de casa, acima dos 30 anos, muito embora haja socorristas homens e mulheres jovens, mas em número bem menor. Por isso, sempre serão tratadas neste trabalho pelo pronome feminino. Elas próprias se intitulam protetoras de animais, mas são mais conhecidas jocosamente como “cachorreiras” e “gateiras”.
- 87 A filósofa Sônia T. Felipe (2001) criou o termo “socorrista”. Segundo ela,
 Não o havia lido em qualquer outro lugar, mas senti que era o termo apropriado para designar o trabalho de milhares de pessoas que ajudam os animais ameaçados por outros humanos. Pensei no termo por analogia aos humanos que trabalham nas ambulâncias e vão socorrer pessoas atropeladas, machucadas ou agonizantes. Achei bonito o termo para designar os humanos que fazem o mesmo pelos animais.
- 88 A análise das falas das socorristas nas entrevistas mostrou que parcela significativa não estabelece uma relação direta de exploração animal e sistema capitalista, o que também pode ser visto com frequência nas redes sociais por outros ativistas e ou simpatizantes do movimento, mas de forma menos acentuada.
- 89 É muito comum encontrar nas redes sociais e nas falas de ativistas animalistas que as socorristas não pertencem à proteção animal, porque, em sua maioria, não defendem a libertação de todas as espécies animais, não aderindo ao vegetarianismo. Das sete socorristas entrevistadas na pesquisa que serviu de base a este artigo, três são ovo-lacto-vegetarianas e as demais consomem algum tipo de carne. Ou seja, ao não serem adeptas do veganismo, recebem críticas dos demais ativistas e muitos não as consideram pertencentes ao movimento animal. Diz Sonia Felipe:
 Não gosto de usar o termo “protetores de animais”, porque a maioria absoluta desse grupo “não protege animais”, protege apenas uma ou duas espécies, geralmente cães e gatos, ou cães e cavalos, ou gatos e baleias, ou tartarugas e baleias... isso é especismo eletivo.
 Os socorristas, por outro lado, não são necessariamente protetores dos animais, também, porque, a exemplo dos que se dizem protetores, podem apenas socorrer alguns indivíduos feridos, abandonados ou ameaçados, mas isso não quer dizer que tenham qualquer projeto de vida no sentido de contribuírem para que o sistema de escravização e matança de animais seja abolido (Felipe 2011).
- 90 Sônia Felipe perde de vista que, ao resgatar um animal ferido, a socorrista de fato defende e protege animais. Ademais, cada atividade junto a uma espécie requer muito aprofundamento e torna-se impossível atuar em todas as frentes. O ativista Barbosa discorda de Felipe:
 Fico aliviado com esse texto, pois eu ando incomodado com o patrulhamento que está ocorrendo em parte da causa animal. Sei de gente que já não lê a ANDA porque ela é. ‘bem-estarista’. Sabe aquela coisa da Revolução Francesa acabar guilhotinando seus próprios líderes? Por aí.
 Aqui em Porto Alegre há a ONG Chicote Nunca Mais, que retira os cavalos das carroças, trata e aposenta. Socorrismo a abolicionismo – sou assessor de Imprensa

lá, sei tudo o que é feito. Mas as pedras jogadas na entidade são por ela ser ‘bem-estarista’. Quem interpreta o nome da ONG comete um erro e demonstra ignorância – e dá-lhe pedrada em quem tira os cavalos da escravidão e tortura, e lhe dá a vida tão livre quanto se pode dar, hoje. Essa liberdade vigiada é a defesa contra a eventual captura desses animais para serem colocados no trabalho de novo. Há uma lei que prevê o fim das carroças dentro de alguns anos, então qualquer ajuda a esses animais – que diferente de um cachorro abandonado, trabalha pesado – seria bem-estarismo?(Anda 2014)^{vi}

- 91 A ativista Leda também considera as socorristas não veganas como pertencentes à causa animal, ainda que seja, nas suas palavras, uma proteção “especista”. A mesma visão tem a militante Andressa que afirma ser uma proteção “seletiva”.
- 92 A maior divergência entre os ativistas veganos e as socorristas se insere nesta polêmica sobre quem é ou não da proteção animal. Vale dizer que muitos veganos nunca experienciaram um resgate, nunca lidaram com um animal ferido, faminto e abandonado. Como medir quem é mais protetor ou saber quem é o representante legítimo dos animais, se as socorristas ou os veganos?
- 93 Das sete socorristas entrevistadas, apenas duas disseram não pertencer à proteção animal, uma por achar que não faz o suficiente e a segunda por não ser totalmente vegana. As outras cinco se consideram da proteção, principalmente pelos constantes resgates de cães explorados:
- 94 Beri, socorrista também se considera da proteção:
Acho que sim porque consigo fazer o bem pra alguns animais. (Padilha 2018: 255).
- 95 A prática da socorrista, mesmo que não se engaje numa ação maior, tem uma importância que se encerra no interesse do próprio animal em não sentir dor e fome. As socorristas, gateiras e cachorreiras, têm uma relação quase maternal com os resgatados. Três dos entrevistados consideram os animais não humanos superiores aos humanos, em termos de desenvolvimento espiritual. Chamam de anjos, estrelas, seres incapazes de fazer o mal, enquanto os humanos são os sujeitos cruéis responsáveis por todos os males pelos quais os animais são submetidos e pelo abandono.
- 96 A militante Andressa define animal como:
Um ser puro e indefeso repleto de amor (Idem: 272)
- 97 Para Anita, os animais
Valem mais do que humanos, por serem inocentes e indefesos. E o humano é um ser em evolução (Idem: 259).
- 98 Enrico também considera o animal não humano:
Um ser muito melhor que a maioria dos humanos que habita a face da Terra. [Já o humano] uma criação que não deu certo e acredito que não tem remédio (Idem: 248).
- 99 As socorristas, quando não sofrem críticas dos abolicionistas, ficam vulneráveis às demais protetoras que fiscalizam de perto as ações de suas colegas, como se isso fizesse parte de suas tarefas. Nas redes sociais, principalmente dos perfis pessoais do Facebook, elas costumam “lavar a roupa suja”. São acusações mútuas comuns, como doar um animal sem castrar, não ter entrevistado direito um adotante que deixou escapar um recém-doador que morreu atropelado. Ou ainda, ter prejudicado uma doação sua pela internet.
- 100 Das sete socorristas entrevistadas, seis desconhecem as divisões internas da causa, ou seja, há um desconhecimento em relação ao ideário do protecionismo animal e o

conflito ideológico entre bem-estaristas e abolicionistas. As entrevistas revelam um estranhamento em relação a outras lutas e demandas sociais. Embora não haja uma amostragem quantitativamente representativa, os dados levantados mostram que há indícios de uma tendência das socorristas em serem menos abertas a outras causas sociais, mas não significa que abolicionistas sejam imunes em criticar forças sociais também libertadoras.^{vii}

- 101 O preconceito com adotantes é recorrente nas feiras ou eventos de doação de cães e gatos. Elas temem doar os animais para “qualquer um”. Pessoas com um visual aparentando poucas posses são descartadas de pronto pela maioria, ou porque reproduzem os preconceitos que vigoram na sociedade ou porque avaliam que tais pessoas não conseguirão arcar com despesas veterinárias e alimentação adequada. Tal prática se repete nas feiras em locais distintos que frequentei, sendo que raras vezes se estendeu por conta de etnias ou escolhas sexuais. O preconceito mais evidente é voltado contra chineses e coreanos, pelo hábito de se alimentarem de cães e pelas famosa feira chinesa de venda de cães na qual ficam amontoados em caixas de metal. Em um ato pró-animais, em 2012, em São Paulo, cartazes dos manifestantes continham dizeres estimulando a xenofobia contra coreanos e chineses.
- 102 Por outro lado, as socorristas têm participação constante em ações e protestos dirigidos ao Estado, contra a falta de políticas voltadas para os animais domésticos de companhia. Não só cobram a criação de medidas nesse sentido, como exigem o cumprimento da lei existente que protege esses animais. Lewgoy, Sordi e Pinto reiteram que “exercem contínua pressão sobre o poder executivo para o cumprimento de leis e tomada de ações para a proteção animal” (2015:84).
- 103 Uma forte mobilização das socorristas e ativistas pela criação de um hospital público veterinário, através de abaixo-assinado e petições, resultou na criação, em 2012, de uma clínica pública municipal na Zona Leste de São Paulo para atendimento da população carente tutora de animais.
- 104 A principal mobilização constatada no período da pesquisa e na qual estive presente foi a convocação de ativistas para o evento “Crueldade Nunca Mais”, feita no Facebook. O protesto ocorreu em 2012 e lotou a Avenida Paulista, com cerca de 10 mil manifestantes com a presença maciça das socorristas. A mobilização exigiu um aumento da pena para os crimes de maus tratos.^{viii} Também ocorreram manifestações no Rio de Janeiro, Curitiba, Distrito Federal, Fortaleza, Campo Grande, Manaus, Belo Horizonte e Porto Alegre.
- 105 Uma manifestação batizada de “CCZ ou muda ou fecha”, com cerca de mil socorristas, ocorreu também em 2010, exigindo a demissão do diretor do Centro de Controle de Zoonoses, acusado de continuar realizando a eutanásia dos cães recolhidos mesmo depois de aprovada lei suspendendo esse procedimento.^{ix}
- 106 A invasão ocorrida em 2013 no Instituto Royal por manifestantes da causa animal teve grande apoio das socorristas contra os testes em animais realizados pelo laboratório. Muito embora em suas entrevistas as socorristas afirmem não boicotarem produtos testados em animais, esse fato teve um impacto forte junto às protetoras justamente por serem utilizados cães da raça *beagle* nos testes e muitas passaram a boicotar produtos testados em animais^x.

As feiras^{xi} como “pedaços”

- 107 As socorristas se encontram semanal ou mensalmente nas mesmas feiras de doação de cães e gatos para doarem os animais que resgataram da rua ou de algum tutor que praticava maus tratos. As feiras do próprio grupo são espaços de identidade, de desabafo pessoal, troca de informações importantes como hotéis baratos e confiáveis para animais, veterinários confiáveis com internação a baixo custo e lugares com desconto de ração para protetores.
- 108 No espaço das feiras, as conversas giram em torno de histórias de resgates, são descritas as más condições em que estavam os animais, suas feridas, os procedimentos no veterinário, a luta para tirá-lo do tutor irresponsável, o desgaste para fazer o Boletim de Ocorrência na delegacia. Esse é o “pedaço” do desabafo comum, porque os familiares nem sempre têm a compreensão necessária.
- 109 Lewgoy, Sordi e Pinto (2015) salientam que a inserção dessas mulheres no universo da proteção animal cria uma nova moralidade:
- Esta entrada na proteção animal insere a pessoa, em sua grande maioria de classes médias urbanas, numa rede solidária de protetoras e ativistas com preocupações, valores e práticas em comum. Mas essa situação cria, de outro lado, frequentes tensões com outros significativos, especialmente familiares e vizinhos, que podem chegar a estigmatizar moralmente a(s) pessoa(s) em questão (Lewgoy, Sordi e Pinto 2015:87).
- 110 Em casa, em oposição aos espaços das feiras, não há esse momento sublime em que todas falam a mesma língua. Só outra cachorreira entende uma cachorreira, o mesmo para gateiras. Para elas, os outros não partilham seus sentimentos, suas dificuldades, não compreendem o olhar de um cão que só elas alcançam.
- 111 As cachorreiras e gateiras enfrentam sociabilidades positivas e negativas na proteção animal. Há muita falta de ética e de coleguismo e nem sempre uma socorrista é bem-vinda em feiras que não são o seu “pedaço”. A aceitação de socorristas “turistas” depende das organizadoras da feira, que são socorristas também. A socorrista visitante é vista pelas demais como intrusa ou concorrente porque vai “roubar” adotantes.
- 112 A grande maioria deixa transparecer nas redes sociais o excesso de afeto que têm pelos cães ou gatos. São identificados quase como seres celestiais, superiores aos seres humanos por não praticarem o mal. É muito comum postarem nas redes o falecimento de um pet seu com a frase: “uma nova estrelinha no céu” e todas demais já sabem do que se trata.
- 113 Segundo Renata Harumi, (2017) os tutores de cães consideram seus pets como seres humanos, os humanizam, acham que eles amam, pensam, têm individualidade, e portanto, estariam acima dos seres humanos na qualidade de amar e não praticar o mal. Podemos estender essa conclusão em relação a muitos defensores dos animais, que veem os animais sempre como vítimas na relação homens versus animais, porque são explorados e, para elas, só têm amor para dar, amamentam outras crias, salvam bebês e, não atacam o toureiro, têm naturalmente a bondade. Assim, essa conduta resulta em um novo especismo, que é de considerar os animais superiores aos humanos. Muitos ativistas idealizam as espécies não humanas e se decepcionam com os humanos, os quais não teriam mais salvação.
- 114 O resgate das protetoras de animais de companhia não implica uma ausência de altruísmo em relação às demais espécies, mas porque se deparam frequentemente com

os abandonados nos espaços urbanos. Não se trataria tanto de um problema de espécies privilegiadas (de onde provém a acusação de “especismo”), mas de uma proximidade física e existencial e do testemunho direto do sofrimento de determinados animais em um ambiente doméstico urbano, enquanto os chamados animais de produção (porcos, bois, cabras e galinhas) pertencem a um distante mundo doméstico e rural, isso sem falar na fauna selvagem cujo contato se dá mediante imagens ilustrativas na maioria das vezes (Lewgoy, Sordi, e Pinto 2015).

- 115 A partir do momento que assumem o papel de socorristas, uma série de obrigações devem ser seguidas, com determinações consensuais ou não, feitas pelos que organizam as feiras, ou que surgem após o embate com legisladores e reuniões entre protetores. Essas obrigações geram custos, que nem toda protetora tem condições de arcar, como levar os animais com as três doses de vacina V10 e uma da raiva, castrados e vermífugados. Há em São Paulo uma lei municipal do então vereador Roberto Trípoli, de 2001, que passou a proibir qualquer doação de animais sem estarem castrados. A medida foi bastante ambígua para a proteção animal, porque transferiu o ônus da castração para as socorristas.

Os circuitos das socorristas

- 116 Os “circuitos” das socorristas abrem os laços sociais desta parcela da proteção. São locais de encontro por oferta de serviços, mas sem contiguidade espacial, são os petshops, clínicas veterinárias, locais onde estendem suas ações e também efetuam uma complementação do consumo de serviços. Esses espaços são ocupados por pessoas desconhecidas, mas, muitas vezes, as socorristas da mesma feira se encontram, bem como socorristas de modo geral, e há uma troca de informações e experiências.
- 117 Esses espaços possuem painéis onde as socorristas fixam fotos de cães para doar, tanto nos pets como nos veterinários, cães perdidos, telefones de táxi-dog e hoteizinhos. Há clínicas que viram uma verdadeira “casa da sogra”. Todos se conhecem: veterinários, funcionários e socorristas. Cada região da cidade tem seus circuitos, com os veterinários conhecidos daquele grupo da região, daquela feira, dos mesmos petshops. Esse cenário se repete por São Paulo.
- 118 Embora as socorristas tenham muitos animais em suas casas, elas trabalham com certo limite de cães e gatos, de modo que possam ter uma vida “quase normal”.^{xii} Já as chamadas “colecionadoras” passam desse limite, podendo acumular dezenas ou até centenas de animais em suas casas, perdendo a capacidade de cuidar deles e de suas casas, locais que passam a ser considerados abrigos.
- 119 Há uma regularidade nessas práticas citadas, porque se repetem em várias regiões da cidade, que são o resgate, castração, doação nas feiras, mutirão em abrigos, bingos e rifas para colaborar com as despesas. Todas essas atividades em prol de cães e gatos são realizadas quase que ininterruptamente nesses locais e criam laços de amizade que amenizam o desgaste físico e mental. Porque praticamente renunciam a suas vidas de “normalidade”, sem casas arrumadas e limpas, sem tempo e dinheiro para distrações, passeios e viagens.

Considerações finais

- 120 Dadas as infindáveis formas que os humanos se utilizam dos animais, é impossível para os ativistas atuarem em tantas frentes. Os múltiplos ativismos pelos animais levam à fragmentação prática que resulta no “abolicionismo parcial” de um animal ou de um grupo, ainda que não haja a libertação da espécie ou de todos os animais. Há uma unidade enquanto movimento social, mas, de perto, atua dividido de forma pontual, e o que fortalece o movimento é a junção de várias pequenas ações.
- 121 Esses ativismos parciais têm uma regularidade e, de forma consciente ou não, acabam se contrapondo ao sistema de produção capitalista dominante, às tradições e culturas que utilizam animais para qualquer fim, seja de entretenimento ou religioso. A maioria entende que essa ação política se dá de maneira gradual até que se consiga tornar a exploração algo custoso e sem interesse econômico.
- 122 A empatia redundante em mudanças nas formas como as sociedades concebem os animais e seus usos. Estas ações emanam da relação amigável interespecies, que vão mostrando o quanto Natureza e Cultura estão imbricadas, em constante movimento e mutação nos espaços sociais, reconfigurando-se a cada dia.

Notas

BIBLIOGRAFIA

FELIPE, Sônia. “Abandonar o antropocentrismo”, site **Crítica na rede**. Disponível em <<https://criticanarede.com/etica.html#animais>>. Consultado em fev.2005.

_____. Abolicionistas, bem-estaristas, socorristas. **Anda**, 2011, disponível em <https://www.anda.jor.br/2011/12/abolicionistas-bem-estaristas-socorristas/>. Consultado em nov.2017.

FRANCIONE, Gary L. Entrevista. **Veganos pela abolição da escravidão animal**, abril de 2013, disponível em <<http://www.veganospelaabolicao.org/abolicao/textual/abordagem-abolicionista/entrevistas/341-entrevista-com-gary-francione-autor-do-livro-qintroducao-aos-direitos-animaisq>>, consultado em fev.2015.

_____. **Introdução aos Direitos Animais**, Campinas: Editora Unicamp, 2013.

GOHN, Maria da Glória (org.) “Movimentos Sociais na Atualidade”, in **Movimentos Sociais no início do século XXI**, Petrópolis: ABDR, 2002.

HARAWAY, Donna. 2009. Se nós nunca fomos humanos, o que fazer? **Ponto Urbe** n. 6, Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, entrevista com Donna Haraway. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3894376/mod_resource/content/1/ponpontou-1635-6-se-nos-nunca-fomos-humanos-o-que-fazer.pdf>.

_____. Companhias multiespécies nas naturezaculturas: Uma Conversa entre Donna Haraway e Sandra Azerêdo, in **SlideShare**, 2013, disponível em <<https://pt.slideshare.net/fabio.coltro/companhias-multiespecies-nas-naturezaculturas-uma-conversa-entre-donna-haraway-e-sandra-azerdo>>, consultado em 2017.

- Identidades fraturadas. in **Manifesto Ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**, Tradução Tomaz Tadeu. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (Orgs.), Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- INGOLD, Tim, 1995. Animalidade e Humanidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 28 de junho de 1995.
- LEWGOY, B. Crítica da razão impura: o repto naturalista na alimentação animal. In: BEVILAQUA, C. B.; VELDEN, F. V. (org.). **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 223-240.
- LEWGOY, Bernardo, SORDI, Caetano e PINTO, Leandra. 2015. Domesticando o Humano para uma Antropologia Moral da Proteção Animal, **ILHA**, v. 17, n. 2, pp. 75-100.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49.
- MARRAS, Stelio. 2014. Virada animal, virada humana: outro pacto. **Scientiae Studia**, versão impressa, ISSN 1678-3166, Sci. stud. vol.12 n.2.
- NACONECY, Carlos. 2009. Bem-Estar Animal ou Liberdade Animal? Uma Análise Crítica da Argumentação AntiBem-Estarista de Gary Francione. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, v. 4, n. 5, pp. 235-267.
- PADILHA, Mônica Soares B. 2018. **O ativismo animal em São Paulo, uma interpretação sócio-antropológica de suas práticas e subjetividades**, tese de doutorado em Humanidades e Direitos. São Paulo. Diversitas FFLCH-USP.
- PORTILHO, Fátima (et. al.). 2011. A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 16, n. 1, pp. 99-106. Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva Rio de Janeiro, Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63015361010>, acessado em: 2017
- PRUDÊNCIO, Kelly; CARBONAR, Camila. “Abolição já ou depois? Disputas de enquadramento na luta por reconhecimento dos direitos animais no Brasil”. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Sociedade Civil do VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VI Compolítica), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), de 22 a 24 de abril de 2015.
- REGAN, Tom. **The Case for Animal Rights**. Los Angeles: University of California Press, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade, São Paulo: Cortez, São Paulo, 5. Ed. 1999.
- SCHERER-WARREN, Ilse. 2006. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Revista Sociedade e Estado**. UNB, V. 21, n. 1, pp.109-130.
- SILVEIRA, Flavio Leonel Abreu da. 2015. De um prosaico coexistir interespecífico aos dilemas do biopoder: as interações humanas e não humanas no mundo urbano contemporâneo amazônico. **ILHA**, v 17, n. 1, Universidade Federal do Pará, PA.
- TOMA, Renata Harumi Cortez. 2017. **Amor Canino: emoção, mercado e subjetividade entre seres humanos e cães de estimação na cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP.

NOTAS DE FIM

- i. Este artigo se restringe aos ativistas do Estado de São Paulo, tendo como base pesquisa participante realizada entre 2004 e 2013, com socorristas de cães e gatos e com entrevistas realizadas em 2016 e 2017 junto a ativistas ligados às ONGs Rancho dos Gnomos, Sociedade Vegetariana Brasileira, Holocausto Animal e Santuário dos Bichos.
- ii. As entrevistas, que embasaram este artigo, revelaram que não há uma definição única e precisa para animais humanos e não humanos entre os ativistas. Ao estabelecerem uma relação de afeto e empatia com os animais não humanos, os entrevistados questionam se realmente os não humanos são irracionais, uma vez que efetuam uma comunicação intersubjetiva com seus tutores.
- iii. Com o fim das economias socialistas na Europa Oriental, e tendo apenas Cuba como resquício desse modo de produção, a defesa animal atua basicamente contra a lógica capitalista, mas também centra sua ação contra tradições em comunidades menores. Os países socialistas merecem análise histórica sobre suas atividades econômicas, onde os animais também foram utilizados como bens de consumo.
- iv. . Somente os ativistas bem-estaristas não foram analisados em profundidade, porque as ONGs pesquisadas não quiseram participar das entrevistas.
- v. Salvo algumas exceções, como os que atuam em santuários de animais silvestres. Os animais de santuários necessitam de atendimento profissional, diferentemente do caso de cães e gatos, quando as próprias socorristas realizam os procedimentos veterinários.
- vi. A fala foi registrada no site da ANDA em resposta ao artigo de Sônia Felipe, “Abolicionistas, bem-estaristas, socorristas”, 14 julho 2014, Anda.
- vii. Em um ato pró-animais, em 2012 em São Paulo, por exemplo, cartazes dos manifestantes continham dizeres estimulando a xenofobia contra coreanos e chineses, porque suas culturas permitem que cães sejam destinados ao abate e consumidos como alimento. Muitas socorristas pedem nas redes sociais a saída de coreanos e chineses do País, efetuando virtualmente uma campanha difamatória e generalizante desses povos, no que são contestadas por outros militantes.
- viii. Avenida Paulista tem ato contra maus-tratos a animais, Guia Vegano, 01-2012, disponível em <https://www.guiavegano.com.br/vegan/guia-vegano/215-noticias/bem-estar-animal6/1687-avenida-paulista-tem-ato-contra-maus-tratos-a-animais>.
- ix. Manifestação: “CCZ: muda ou fecha”, Turismo 4 patas, 2010, disponível em http://www.turismo4patas.com.br/htms/novidade.asp?id_novidade=207.
- x. É muito provável que se fossem apenas camundongos as socorristas não tivessem aderido com tanto entusiasmo.
- xi. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Tradução Tomaz Tadeu. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (Orgs.).
- xii. Neste caso, as socorristas continuam exercendo suas atividades domésticas tradicionais, como lavar a roupa, cozinhar, limpar os cômodos, ainda que com excesso de animais e caminhas, potes e utensílios espalhados pela casa.

RESUMOS

O artigo trata das práticas e subjetividades dos ativistas de defesa animal que emergem das relações amigáveis e de exploração interespecie e revê as teorias antropocêntricas da Modernidade. Para tanto, o trabalho escorou-se em uma etnografia dos usos e apropriações dos

espaços públicos e privados urbanos por parte destes ativistas neles subdivididos em grupos nas suas lutas diárias contra a exploração e violência a que são submetidos animais domésticos e selvagens em São Paulo. O imbricamento entre ativistas, exploradores e animais resulta numa interferência mútua no direcionamento dos ativismos e da conceitualização desses interlocutores. O estudo faz uso de uma pesquisa participante realizada de 2004 a 2013, e de entrevistas feitas entre 2016 e 2017, junto aos ativistas, que resultou em minha tese de doutoramento financiada pela Capes.

The article deals with the practices and subjectivities of animal defense activists that emerge from friendly relations and interspecies exploitation, and it reviews the anthropocentric theories of Modernity. To this end, the work was based on an ethnography of the uses and appropriations of urban public and private spaces by these activists subdivided into groups in their daily struggles against exploitation and violence to which domestic and wild animals are subjected in São Paulo. The intertwining between activists, explorers and animals results in a mutual interference in the direction of activism and conceptualization of these interlocutors. The study uses a participant research conducted from 2004 to 2013, and interviews between 2016 and 2017, with activists, which resulted in my PhD thesis funded by Capes.

ÍNDICE

Keywords: animal activism, urban ethnography, relações interspecies, anthropocentrism

Palavras-chave: ativismo animal, etnografia urbana, relações interespecies, antropocentrismo

AUTOR

MÔNICA SOARES BOTELHO PADILHA

Doutora em Humanidades e Direitos pelo Diversitas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mestre em Sociologia Política pela Pontifícia Universidade Católica de São PauloSP e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. E-mail: monicasbpadilha@usp.br